

Vida Alentejana

12715

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COTACOES



Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

A Voz da Savoura...

«Os adubos sintéticos da vossa Sociedade, têm operado uma verdadeira revolução no campo da cultura do trigo...»

a) João Bizarro de Moraes

Reguengos — Herdade de "OS VELHOS"

NITROPHOSKA 1G

LEUNAPHOS 1G

DIAMMONIUMPHOSPHAT 1G

SUMFONITRATO DE AMONIO

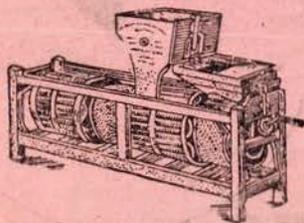
SOCIEDADE DE ANILINAS, Ltd.

SECÇÃO AGRICOLA

LISBOA—Travessa das Pedras Negras, 1

Telef. P. B. X. 2 9016 e 2 9017

Crivos "MAROT"



São êstes os únicos que satisfasem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal
CASA CAELLA—Rua de S. Paulo, 109—LISBOA

"A MOAGEM"

SOCIEDADE MÚTUA

Seguros de acidentes no trabalho

Rua da Boa Vista, 176, 1.º

LISBOA

Adubos "SAPEC"

Superfosfatos

Sulfato de amonio

Adubos potássicos

Adubos mixtos para

todas as culturas



Os melhores adubos

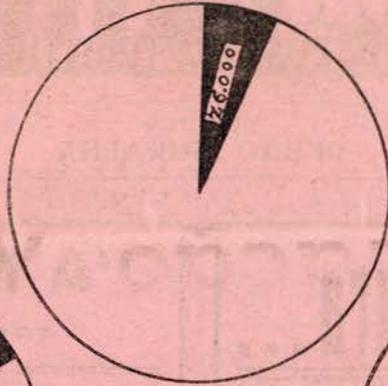
Nas melhores sacarias

"SAPEC"

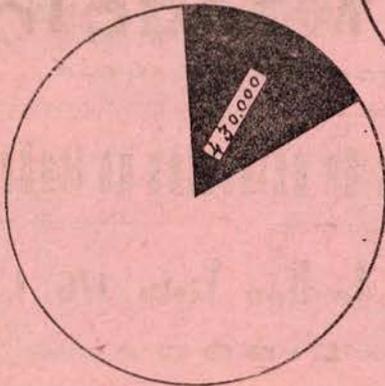
Rua dos Fanqueiros, 121

LISBOA

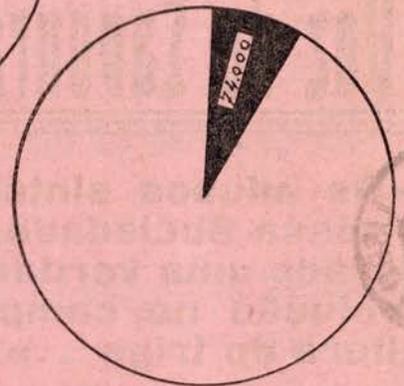
-BOVINO-



-OVINO-

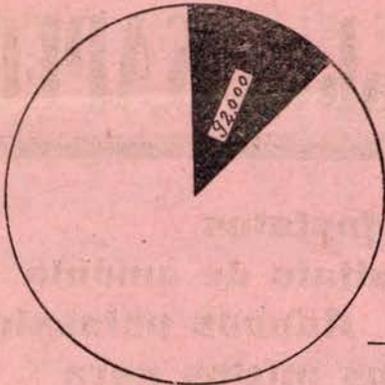


-CAPRINO-



DISTRITO DE BEJA

-SUINO-



-CAVALAR-

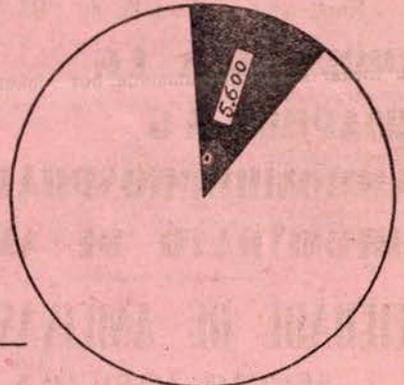
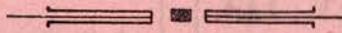
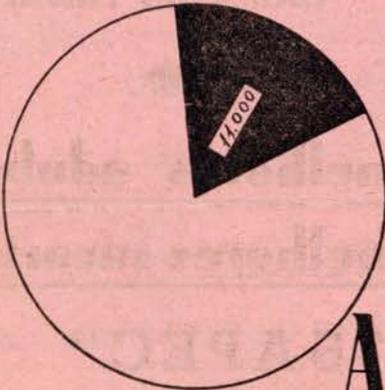


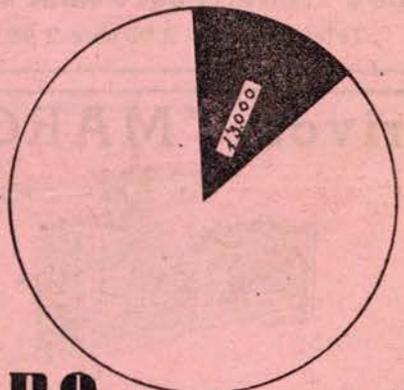
GRAFICO DA RIQUEZA PECUARIA



-MULAR-



-ASININO-



Album

Alentejano

Vide Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACOES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

A Situação Vinícola

Por Francisco Machado

Quando uma parte da viticultura, atormentada com a crise que então principiava, se começou agitando e reclamando em comícios vários a Federação dos Viticultores, sempre nos mostrámos contrários a tal orientação por nos parecer demasiado delicado o instrumento que se pedia para salvar a viticultura, demasiado complexo porque abrangia numa organização unica muitos centos de milhares de viticultores sendo de esperar que tal organização, por natureza caríssima, viesse a funcionar mal em razão do seu mesmo tamanho.

Parecia-nos então que preferível seria intervir por meios indirectos, começando pela sindicalização das aguardentes, género mais seguro, mais estável e abrangendo um numero bastante restrito de pessoas. Partindo do centro para a periferia a sindicalização da viticultura poderia tornar-se integral animada, por ventura, pelo sucesso e pela experiencia obtida.

Tal não foi a opinião dos que queriam a sindicalização integral e pediram em entrevistas, em comícios, em comissões que se dirigiam ao Governo, a constituição da Federação.

Acedendo a tantos pedidos e no desejo tão louvável de concorrer para a solução de um problema económico tão grave, publicou o Governo pela pasta do Comércio o decreto que criou a Federação.

Impendia assim, sobre a viticultura, a obrigação de analisar esse projecto á luz da sua experiência propondo-lhe as modificações indispensáveis.

Fomos ainda mais uma vez os únicos a analisar detalhadamente esse diploma e a apontar-lhe as deficiências e os perigos.

Tornado lei esse decreto entendemos que era devor da viticultura não só corresponder ao interesse do Governo, como mostrar-se capaz de servir-se do instrumento de salvação que pedira.

Não foi infelizmente possível utilizar eficazmente a Federação e hoje, o problema encontra-se mais complicado, de mais difficil solução, pelo descrédito em que, perante a viticultura, caiu a Federação.

A percentagem exageradíssima que para o Fundo da Federação foi exigida aos viticultores, não poudo ser paga por uma grande maioria que vendeu os seus vinhos por qualquer preço antes que a Federação pudesse começar exercendo a sua acção, os contractos, os famosos contractos, não são mais que uma ficção não havendo um único que seja a expressão da verdade. Assim o preço da tabela passou a ser uma utopia e apenas uma realidade a contribuição a pagar.

A Federação tendo começado a agir precipitadamente, sem um armazem, sem um casco, falhou até na recolha das percentagens por não estar habilitada a recebê-las.

Chegou-se assim a esta situação que é pelo menos falha de justiça, paga um grande número de viticultores 18% da sua colheite, vendendo o restante por qualquer preço, pelo preço que pode obter do comércio (entre 7 e 10 escudos), para que haja meia dúzia de privilegiados que conseguem vender à Federação ao preço da tabela ou seja 14\$46 por um vinho de 12 graus, quando um dos fins da Federação era retirar do mercado o excedente do consumo com o objectivo de fazer subir os preços até à tabela.

Como se vê e como se sabe, esse objectivo não foi atingido e ainda a viticultura acabou por ser alarmada, vivamente, pela disposição que lhe proibe vender vinho novo enquanto houver vinho velho.

E' preciso dizer que esta determinação visa simplesmente a permitir que a Federação lance novamente no mercado o vinho que tem em seu poder o que nos parece em contradição com o fim para que foi criada.

E que vão fazer os viticultores cuja situação económica é delicadíssima, sem poderem vender o único producto que têm para occorrer ao pagamento dos seus encargos, das letras, das hipotécas, das contribuições e dos amanhos?

E quanto tempo vai durar esta situação?

Não vai restringir-se o consumo a quem

vai ser oferecido um producto muito mais caro (a Federação comprou ao preço da tabela) e pouco em harmonia com o paladar e o gosto do consumidor nesta época?

Assim, a esperança que, para quasi todos os viticultores, constituía o aparecimento da Federação, está hoje transformada em amargura e profundo desânimo.

É preciso combater esse estado de espirito, mas, para tanto, importa que a Federação mude de orientação, procurando não esquecer o meio em que tem de agir, as circunstâncias e o estado económico em que se debate a viticultura.

É preciso fazer desaparecer o excesso de produção, ou pela criação de novos mercados, ou pelo alargamento do mercado colonial, ou, ainda, pela sua transformação em álcool e incorporação na gasolina.

Deve ainda a Federação constituir uma importante reserva de vinhos que, pela sua cuidada preparação, possam constituir elemento de valia na defesa da exportação ou acudir a qualquer falha notável nas colheitas.

O comércio deve ser considerado como elemento de cooperação absolutamente necessário, e, por esse motivo acarinhado. Cremos que haveria vantagem em abandonar a diferenciação de preços e, seguramente, em diminuir o preço de consumo que se nos afigura demasiado elevado.

O tabelamento na taberna tem que corresponder ao tabelamento no produtor. A lei que diz respeito á restrição do plantio, como, aliás, todas as que se têm promulgado para solução da crise vinícola, têm que ser rigorosamente cumpridas. O respeito pela lei, cremos, é a base de qualquer sociedade bem constituida.

Estas ou outras medidas, se outras há, poderão salvar, no conceito dos viticultores, ou, melhor, na sua confiança, uma instituição que foi feita para seu beneficio; mas é indispensável agir rápida e energicamente.

TERRAS ALENTEJANAS



Cabeço de Vide

FALAM OS PRÁTICOS

Hoje expõe o lavrador Manuel Elias

Uma saudação aos velhos lavradores

O sr. Manuel Elias Martins é filho de um dos que foi mais conhecido lavrador do concelho de Portalegre, o velho José Martins Elias. Nasceram-lhe portanto os dentes na agricultura. Teve como única Universidade a Terra, pois desde verdes anos que com ela conversava todos os dias, regando-a de suor que seria convertido em minúsculos bagos de ouro — o trigo.

Este lavrador conhece portanto todos os segredos da agricultura desde o alqueive à debulha.

E' pois, o nosso entrevistado de hoje.

— Diga-me, como costuma fazer a sua lavoura? Em que meses acha conveniente fazer os seus alqueives?

— De preferência, desde os meados de Dezembro, abreviando o mais possível para que nunca chegue a Março, pois convem sempre que os alqueives recebam a maior quantidade de humidade. Faço sempre as minhas lavouras com profundidade mas nunca voltando terra que não tenha sido cultivada, a não ser em terras baixas para que se dê com mais facilidade o excesso de humidade. Convem *enserniçar* as terras o mais possível, mas evitar sempre que elas fiquem espoçadas.

— Como lança o trigo à terra?

Desinfectado a seco, empregando *Vitrioline*.

— E sobre os adubos?

— Emprego os adubos compostos taes como *Nitrophoska* e *Leunafós*.

— E com êsse processo de cultivo tem tirado bons resultados?

— Regulares, atendendo às terras serem más para produção devido à grande quantidade de arvoredos que teem.

— É de opinião das ceifas de empreitada.

— Sim, costume dar de empreitada. Sendo bem fiscalizada é preferível por ser a forma de pagar melhor a quem trabalha muito e a conseguir-se o serviço mais rápido.

— Que qualidade de trigos emprega?

— *Coruche môcho*. Concluindo: a minha prática tem-me demonstrado, principalmente, que os bons anos são sempre influidos pelas condições atmosféricas. Estes últimos anos temos sido felizes devido às boas condições. Veja o que os antigos faziam. Sem adubos, e sem a

charrua muitas vezes conseguiram colher grandes searas, como eu vi quando era rapaz. Creia que tenho uma grande admiração pelos antigos que lutando com tôdas as dificuldades foram êles que transformaram a charneca do nosso Alentejo, em campos ubérrimos de produção. A minha admiração é grande, e ainda hoje estou copiando os serviços tanto de meu pai como dos lavradores da sua época.

Honra à memória dêsses beneméritos a quem devo o campo que estou trilhando na vida.

O lavrador de Avis, sr. dr. Pimenta Presado, dá-nos a sua autorizada opinião

Recebemos a seguinte carta:

«Semeia-me no pó e de mim não tenhas dó»

Lavrador incipiente e insipiente, não tenho autoridade para podêr depôr num jornal onde os grandes e velhos lavradores alentejanos teem patenteado as suas ponderadas opiniões... mas por sêr novo e por me lembrar da sentença do Grande Poeta «Audaces fortuna juvat», aí vão umas *larachas*, perdôe-se-me o plebeísmo.

Êste ano que o estio se vai prolongando, sem indícios de terminar, sem as chuvas do São Miguel para darem à terra condições para a germinação dos cereais, êste ano, mais se discute se a sementeira deve sêr feita no pó, como diz o provérbio ou deve esperar a vinda da chuva.

Na minha pequena lavoura, em terras do tipo argilo-calcáreas, com bons alqueives, atalhos e gradagens convenientes, deixando a terra em boas condições físicas, eu estou a semear na máxima fôrça pensando que a sementeira temporã é quasi sempre vantajosa. Há experiências feitas nêsse sentido por Vilmorin que provam exuberantemente que bagos de trigo semeados cêdo (em Outubro) teem uma produção muito superior aos semeados no inverno. É também necessário pensar que o tempo passa, os serviços atrazam-se e depois da chuva temos que fazer as sementeiras de lufa-lufa se queremos

aproveitar os alqueives preparados.

Evidentemente que para poder semear, não só é necessário têr os terrenos em boas condições de mobilização, como também é necessário que a semente vá enxuta, sem a menor humidade. E é por isso que eu faço a desinfectação das sementes com pó, o *Tillantín*, não usando o já antiquado sistema da desinfectação pelo soluto de sulfato de còbre, que além de humedecer as sementes (pódem tornar-se enxutas, pondo-as ao sol por algum tempo, o que acarreta despeza e atraso) faz também perder as boas condições de germinação como há experiências concludentes que o afirmam.

Há também um cutro inimigo da sementeira na terra enxuta, é a formiga. Nesta região do Alto-Alentejo, nalguns pontos, a formiga, no Outono, apanhando a terra enxuta e a semente mal coberta, acarreta-a, junta-a, deixando uma sementeira irregular, com largos espaços sem um único bago. Mas se a terra está bem preparada, também êsse obice se resolve... Em conclusão: eu sempre que posso, semeio temporão, mesmo em pó, lembrando-me do provérbio que serve de título a estas despreziosas considerações.

O NOSSO EMPREENDIMENTO

«Vida Alentejana» vai conquistando boas amizades. Continuamos inserindo os nomes das pessoas que nos honram com a assinatura desta publicação.

Beja — Srs. António Relvinhas, António Verissimo, Camara Municipal, Camilo José Condeça, Duarte dos Santos Coelho, Eugénio Penedo Doria, Gregorio Luiz, José Martins Palma, Manoel dos Santos, Manoel dos Santos (Quintos), José Grade, Joaquim Fernandes, dr. Luciano Aresta Branco, Luis António da Cruz, Luis da Rocha, Luis Vilhana, Manoel António da Cruz, Izidro Martins Faria, João António Valdez, João de Melo e Brito Ramos, João de Montes Palma, dr. José Alexandre Lebre, Manoel Gomes Cano, Manoel Maria Lampreia, Marcos Bentes, Paula Portaete Biscaia Coelho, Raúl Heitor Castilho, Joaquim Mendes Palma, José Gonçalves, L. A. de Mira Galvão, Manoel C. Conduto (Trindade), Adelino Vieira Neves, Afonso José da Fonte, António Carvalho Monteiro, António Campos de Sousa e Silva, António Francisco Alves, António da Graça Morais, António Manoel Galrito, António Montes Palma e António Neves Graça.

Um alvitre importante

Do «Correio Elvense»

O êxito excepcional da I Exposição Colonial Portuguesa trouxe ao país a convicção de que entrámos definitivamente no campo das realidades, de que vivíamos sistematicamente afastados.

Assustados com o peso das grandes responsabilidades do nosso passado histórico, julgámos, em crise de desalento, que sossobraríamos no mar revólto das nossas desordens internas e das ambições de expolição com que potências estranhas ameaçavam a integridade do nosso riquíssimo património.

Curada a doença, passou a obcecção do perigo e hoje o povo português tem a consciência e o orgulho da sua posição como nação colonial que, depois de ter descoberto o mundo, se preza de dar leis ao mundo, levando até ás mais longínquas paragens o facho da civilização europeia.

A Nação revelou-se agora toda a grandeza do seu Império de Além-mar.

Necessita-se em consequência, que a Nação se revele a si mesma, dando-lhe a conhecer o grau das suas responsabilidades e a extensão dos seus recursos.

E' decerto dentro desta orientação que o nosso camarada Pedro Muralha acaba de ventilar, no seu jornal *Vida Alentejana*, a idéia da criação de um Museu Agrícola Alentejano e da organização da Exposição Agrícola Alentejana.

A exemplo do Museu Agrícola Argentino, que Muralha visitou em Buenos Aires, o novo Museu constituiria uma exposição permanente de produtos agrícolas da nossa região, com as suas secções de produtos naturais: madeiras, minerais, plantas medicinais, sementes de forragens, cereais, oleaginosas, tubérculos, lãs, peles, mel, cêra, produtos industriais agrícolas (farinhas, seus derivados e resíduos, vinhos, aguardentes, carvão, frutas de conserva); mecânica e metalurgia e principalmente cortiças e seus derivados.

E' um alvitre digno de toda a ponderação e do carinho dos alentejanos, que se tenham na conta de pioneiros e simpatisantes do movimento de engrandecimento da sua província.

Não menos importante é o da Exposição Agrícola Alentejana, o brilhante certame que traduza toda a grandeza da nossa terra e que demonstre — como recentemente sucedeu com as Colónias — que o Alentejo

O Problema da Tuberculose no Alentejo

Cláudio Negro, brilhante cooperador do «Diário do Alentejo» occupa-se no último número desse jornal, de um assunto que, por todos os motivos, deve merecer decidido interesse por parte dos alentejanos. O assunto é o ataque á Tuberculose no Alentejo.

A nossa província, como aliás todos os recantos de Portugal, sofre a gravíssima investida da terrível doença. Cada quarto de hora que passa na marcha do tempo, assinala o passamento, em Portugal, de um individuo vitimado pela tuberculose. Trata-se de um mal que vai buscar origem, em muitos dos seus casos, nas más condições de alimentação e de alojamento e que pelo contágio devastador que estabelece assume aspectos de derrocada física alarmante.

Tudo quanto se faça para combater o avanço mortífero da doença, representa a melhor defesa humana. O individuo é um valor no activo social. Se dessemos um balanço á riqueza da nação teríamos de contar, não só com a sua agricultura, a sua indústria, os seus transportes, as suas comunicações, mas também, e superiormente, com os homens válidos para a luta proveitosa de todos os dias. Deixar que se aniquilem esses elementos de trabalho, é permitir o enfraquecimento, a diminuição, a extinção até do património nacional.

tejo não é planície sáfara e inculta, mas a feracíssima província que, além de celeiro de Portugal, de tudo produz e para todos chega e sobeja, mau grado as lutas titânicas do homem com o solo e com o clima.

A Exposição Agrícola Alentejana, idéia que decerto não deixará de ser posta em prática, se o Govêrno, os corpos administrativos e as forças vivas assim o entenderem, constituirá um formidável documentário, que colocará o Alentejo no seu verdadeiro plano de terra de promessa, com o qual o país contou sempre nas piores emergências económicas, acudindo ao deficit da produção nacional com os variadíssimos produtos da sua agricultura, da sua pecuária e do seu sub-solo.

Convém, por tantos motivos, em que não deve ser pôsto de parte o do orgulho das nossas riquezas, animar e acalentar a idéia de uma Exposição Agrícola Alentejana, que seja o reflexo da alma do próprio Alentejo.

O Alentejo, provincia de labor agrícola intenso, recurso maximo do país para o principal factor de alimentação — o pão nosso de cada dia, tem necessidade de trabalhadores robustos que enfrentem demoradamente o combate rude dos campos. Importa o facto a todos os alentejanos — ao trabalhador que angaria o sustento próprio e da familia; á mulher daquele que verá o mal ceifar-lhe os filhos se o pai fôr atacado; ao lavrador que busca peitos fortes e braços robustos para as ceifas; ao comerciante, ao industrial, a quantos se aproximam do seu semelhante e em qualquer dos meios de contágio podem encontrar a infiltração do terrível bacilo.

Cláudio Negro, cita: «O distrito de Beja com uma área enorme, duas vezes a do Algarve, que meios de defeza tem contra a tuberculose? Um dispensário em Beja, inaugurado este ano — outro em Saboia e dois em construção: um em Ferreira, outro em Moura».

E indica a existencia apenas, no Alentejo, do sanatório de Portalegre: «O Alentejo com uma área sensivelmente igual á da Bélgica, tem apenas um sanatório e esse mesmo pequeno, sem capacidade para um razoável numero de doentes».

Juntamos o nosso clamor ao do articulista do «Diário do Alentejo». Demos batalha, na vasta região alentejana á tuberculose, e prestaremos um alto serviço á provincia e a Portugal inteiro. Ainda pelo principio egoísta da própria conservação, a luta se impõe — é um caso de legítima defesa.

Produção de trigo em Elvas

A última colheita no Alentejo foi de molde a animar a lavoura.

Em Elvas, por exemplo a sua produção foi de 22.097.711 litros de trigo, contra 9.486.070 litros que produziu o ano passado.

Muito importante

Todas as pessoas que não tem satisfeito os seus recibos temo-las eliminado do número dos nossos assinantes. Só respeitamos para efeito do envio da Revista, aqueles que estavam ausentes. Vamos mandar os recibos novamente a esses, esperando que não deixem de satisfazer as respectivas importâncias se lhes interessar o nosso trabalho e quizerem continuar a recebê-lo.



Vaca Alentejana — Casa Branco Fialho — BARRANCOS

A Raça Bovina Alentejana

NÃO escrevo para os Alentejanos, porque estes conhecem muito bem o que é o gado da sua terra.

Escrevo para os de fóra que o conhecem muito menos.

A raça Alentejana pertence certamente ao grande tronco dos bovinos ibéricos e é por conseguinte uma variedade da mesma, porém bem caracterizada de forma a ter nitidamente todos os requisitos para formar uma raça bem definida.

É uma raça que se distingue pelo seu perfil crânico convexo, e a variedade dela mais profundamente alentejana é neste campo a que apresenta este carácter mais acentuado.

É uma raça de cor vermelha, com tons variantes de flavo ao retinto e até farrusco.

As mucosas, paus e unhas são claras.

E' uma raça de peso elevado, mas naturalmente variável de região a região, atingindo os toiros 700 quilos de peso vivo chegando a superar os 900; as vacas vão de 450 a 650 e mesmo 700 e os bois vão de 500 a 800.

O rendimento em limpo é baixo, vai de 47%

a 52% mas no geral não atinge 50%.

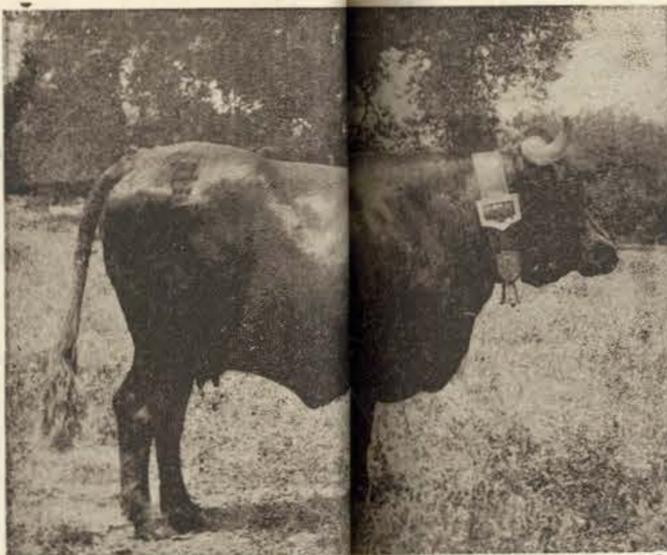
A carne do gado novo é boa, mas a do gado adulto e velho tem o defeito de ser de uma textura fechada, de fibras duras e tendo a gordura em massas separadas.

Esta carne pouco estremeada de gordura é própria de animais acentuadamente de trabalho, velhos e engordados rapidamente.

Para ter boa carne os animais deviam ser abatidos mais novos.

Grave erro é o de não diferenciar as carnes segundo as idades.

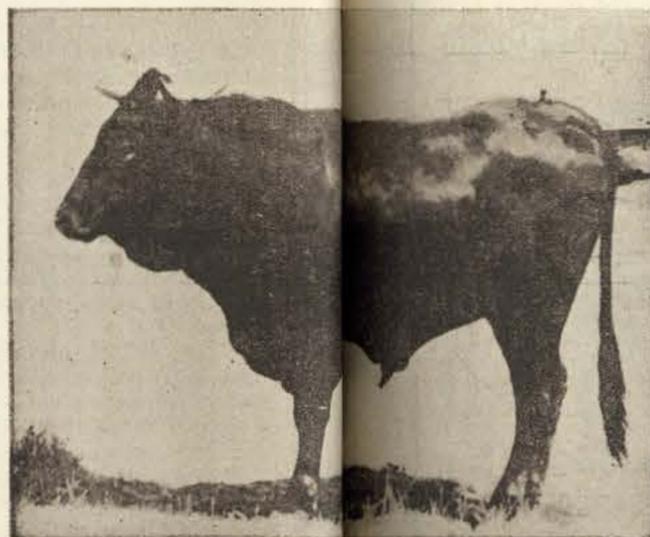
É uma raça forte, robusta, adaptada ao seu meio como nenhuma outra, e devido a esse ambiente no qual o verão é muito seco e quentíssimo e sem pastos verdes, o inverno muito frio e consequentemente com pouquíssimo pasto verde, e com herva seca de primavera deteriorada nos invernaadouros. Só pode medrar nos três meses da curta primavera.



Raça Alentejana, 730 Kilos de Ervideira — EVORA



Reprodutor Fialho



Besseiro de 2 anos — Casa Aguilheira — CABEÇO DE VIDE

Para esse regimem é absolutamente insubstituível e a melhor raça de todas.

Neste regimem verdadeiramente espartano cria-se num volume notável.

A pobreza da comida de que dispõe é a causa do seu pequeno rendimento em limpo. Mas como raça de trabalho é notável.

Com uma alimentação pequena e pobre trabalha de singelo mezes seguidos de sol a sol; com simples pastagem trabalha de reveso.

O calor do verão não o aflige. Nos dias mais quentes descança nos cabeços onde não há sombra, de inverno a geada branca não o incomoda.

Apenas durante poucas gerações se recolha e alimente melhor, afina e se transforma, diminuindo o tamanho dos paus, afinando a pele, diminuindo a barriga e o esqueleto, alargando os seus diâmetros. E' uma grande raça auxiliar do lavrador.

A sua area em pureza abrange o distrito de Évora, o Sul de Portalegre, o norte de Beja e a Extremadura Hespanhola.

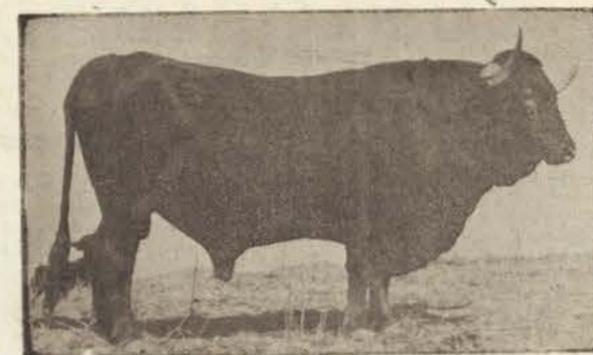
São suas variações os bois de Surraia, os da Serra de Cabrela e especialmente os Mertolengos e seus afins andaluzes.

Fora da península se lhe parecem extraordinariamente os bois francezes de Salers, os do Chã de Catania e Siracusa na Sicilia, os Escoceses dos Higlands e os Inglezes de Devon, South Devon e Sussex.

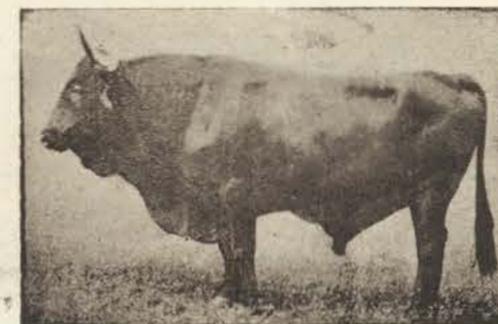
No nosso Alentejo há creadores de grande merecimento com belas vacadas homegeneas, grandes.

Em Barrancos o Sr. Branco Fialho, o Sr. Francisco Garcia Peres e Antonio Vasques Garcia, em Evora o Sr. Conde de Ervideira, Sr. Miguel Fernandes e o Sr. Francisco Manuel Dias Descalço, em Arraiolos o Sr. Amaral de Mira e outros, em Reguengos o Sr. António Miguel de Souza Fernandes e alem destes há muitos outros — a Casa Palha, conhecida como Ricardo Freixal, Cons.º José Soares e seu filho José, o Sr. Dr. Francisco Simões Margiochi, o Sr. José Barahona das Alcaçovas, os irmãos Godinho de Abreu em Benavilla, Avis; e quantos e quantos que seria longo citar.

Para concluir—é uma grande raça que deve ser conservada e melhorada.
UM LAVRADOR ALENTEJANO



Reprodutor de 5 anos — Casa Agrícola M. A. Fernandes Pinheiro CABEÇO DE VIDE



Reprodutor de 5 anos — Casa Agrícola Luiz Caldeira CABEÇO DE VIDE



Reprodutor de 2 anos da casa José Godinho d'Abreu — BENAVIDA



Vaca leiteira — Casa Agrícola Picão Caldeira — SANTA EULALIA

CURIOSIDADES

Plantas Feroces

Existem nas selvas tropicais algumas plantas cujos picos são tão temíveis como as colmilhas de uma semente. Na America Central por exemplo, cria-se uma ortiga terrível parente afastada da nossa vulgar ortiga.

O talo, as folhas e as flores estão cheios de pelos grandes e agudos, verdadeiros tubos de um tecido muito rígido mas que se fendem em sentido diagonal, quando se lhes toca, deixando então a descoberto um espinho pontagudo muito afiado, que penetra na carne. Ao mesmo tempo a glandula da planta descarrega um veneno na ferida.

Esta especie de agulhão serve de defeza á planta que pelo facto de ter muito suco, os animais até os insectos, a comeriam, com tão temível protecção graças á qual não ha nenhum ser vivo que se atreva a tocar-lhe.

A «ortiga cruel» como é chamada vulgarmente esta planta, não causa a morte, mas os seus picos provocam dores cruciantes, que duram muito tempo.

Na America do Sul e no Leste ha plantas cujo veneno é tão letal, que mata um homem em breves momentos.

Algumas frases celebres

A morte é a esperança do que a não teme mais. — *Tieres.*

As injurias são sempre a medida da fraqueza. — *C. Ross.*

O amor é a mais terrível e a mais honesta das paixões. O que na morte saudamos é a immortalidade. — *Larmondel.*

Dorme e não sonhes e se sonhars não despertes. — *T. Braga.*

Coração sem amor é um jardim sem lores. — *Halevey*

Modo de conservar as flores

É muito facil conservar as flores sempre lindas, frescas e brilhantes tal como o dia em que foram colhidas, e termos o luxo de possuilas com toda a sua louçania durante o longo inverno dentro dos seus vasos.

Faça-se uma ligeira solução de goma arábica e deite-se num pote de conserva, de meio quilo. Escolhem-se as flores que se desejam conservar, mergulham-se separadamente na solução, depois de cujo banho se põe a secar collocando as em fila e dependuradas. Quando a goma tiver secado por completo, torra-se a submete-las a uma nova imersão, e assim sucessivamente umas três ou quatro vezes. Depois destes banhos, as pétalas cobrem-se de uma tenue camada transparente e brilhante que impede o ar de atacar os seus tecidos e os preserva da de cadência.

Existe outro sistema que consiste em submergir as pétalas em um liquido de parafina o qual deve estar quente, ou pelo menos morno. Mas este método não convém ás flores de pétalas de cor pois deixa sobre elas uma capa esbranquiçada, inconveniente, que não oferece o sistema da solução da goma arábica acima indicado.

Para tirar nodos de café

Para tirar manchas de café em fazendas delicadas, lavam-se as referidas nodos com uma gema de ovo diluida num pouco de água quente a que se juntam umas gotas de alcool de 90 graus. Desaparecem facilmente as manchas e não fica marcada a fazenda.

Periodo de gestação de algumas especies

Elefante 21 meses; Girafa 15 meses; Camelo 12 meses; Burro 12 meses; Egua 11 meses; Vaca 9 meses; Ovelha 8 meses; Cabra 5 meses; Cão 63 dias; Lobo idem; Zorro idem; Gato 59 dias; Lebre ou Coelho 28 dias; Porco 120 dias.

A maquina humana

O coração humano, diz um conceituado fisiologista inglês, é uma pequena bomba de uns 15 centímetros de altura 10, de largura, e que funciona 70 vezes por minuto, 4.200 vezes por hora, 100.800 por dia, 36.792.000 por ano.

A cada pulsação lança, em média, umas cem gramas de sangue na circulação, 7 litros por minuto, 420 por hora e 10 toneladas por dia. Todo o sangue do corpo que são 25 litros, passa cada 2 ou 3 minutos pelo coração.

Segundo estes calculos conclue-se que a força que o coração humano desenvolve num dia é capaz de levantar um peso de 46 toneladas a um metro de altura.

Poderá produzir-se a chuva artificialmente?

Sabe-se que a atmosfera contém sempre vapor de água e que a cada temperatura corresponde uma quantidade máxima possível de vapor de água num certo volume de ar. Como procede a Natureza para transformar este vapor em chuvas. Pelo resfriamento directo, por distensão ou por mistura. Se o ar está saturado de vapor de água e que elle se resfrie, uma parte deste vapor condensase em chuva.

Mas além disso experiências demonstraram que a condensação exige a presença de um núcleo para cada gota de água (grãos microscópicos de poeira, por exemplo ou ainda, partículas electrizadas do ar).

Esperimentou-se então espalhar no ar partículas electrizadas, resfriando ao mesmo tempo a parte inferior das nuvens para evitar a evaporação das gotas formadas em volta dessas partículas. As vezes as chuvas caíam das nuvens em que os experimentadores tinham assentado suas experiências. O cálculo mostra no entanto que não se deve ver nisso senão uma coincidência porque, para produzir as condições comuns, para provocar uma chuva sufficiente seria preciso pôr em acção forças formidáveis.

As estradas de Odemira

Pelo sr. Presidente da Câmara de Odemira nosso amigo Cesar Miranda foi entregue na repartição dos melhoramentos rurais, o projecto da estrada que, partindo da E. N. de 2.^a n.º 103, ligue o Concelho com a sede do Distrito.

Este melhoramento é de suma importância para toda essa vasta e rica região que bem precisa de novas ruas de comunicação.

Musa Alentejana

Outono

Do plácido arvoredado, as folhas amarelas espalham-se no chão; já andam apanhando a turgida azeitona, as camponezas belas! Pelos cerros já vão os moleiros tirando

dos moinhos de vento as branquejantes velas. O frio se avizinha, a chuva vem chegando, parece mais intenso o brilho das estrelas, as noites inverniaes veem-se aproximando!

Mais cedo se recolhe á arramada o gado, alguém diz já ter visto os lobos pela serra! Dos porcos, o rebanho afoça no montado...

E o rude lavrador, o flavo trigo enterra, empunhando a rabiça albarca do arado... — o mais útil labor que existe sobre a Terra!

J. DUARTE DIAS

Grémio Alentejano

Já se não realiza no próximo do mingo a festa consagrada dos heróis alentejanos que em fins do século passado, contribuíram, em Terras de África, para a consolidação do império ultramarino português. Efectuar-se-há em Dezembro quando se assinala o aniversário do valoroso feito de Chaimite, capitaneado por Mousinho de Albuquerque.

Todas as pessoas que tiverem notícia de nomes de alentejanos que tomaram parte nas campanhas de África até 1900, devem fazer a respectiva comunicação á direcção do Grémio Alentejano, para que não sejam olvidados alguns que bem mereçam o preito de gratidão que se pretende render aos seus feitos.

Uma Exposição em Portalegre

Ainda este ano se deve dar em Portalegre um acontecimento artístico muito interessante.

O sr. João Tavares, professor de desenho do Liceu Mousinho da Silveira e um habil caricaturista, vai expôr os seus trabalhos, — aguarelas e caricaturas, algumas bem interessantes como as do sr. Conde de Sampaio, escritor Luiz Gomes, etc.

Esta exposição é feita com a cooperação de Carlos Curvelo, nosso presado colaborador e que em trabalhos fotográficos com o cunho regional tem demonstrado ser um autentico artista.

Vida Alentejana alimentará esta iniciativa.

Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Assunção, 40-2.º-D.

Telef. 27277

LISBOA

Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo professor S. Decker

IV

O solo

Qualquer terra serve se lhe dispensarmos o preparo necessário tornando mais compactos os solos leves e muito arenosos, pela incorporação do estrume composto ou outras matérias orgânicas, enquanto os solos muito compactos são tornados mais purosos e leves exatamente pelas mesmas providências. Os solos muito húmidos devem ser saneados pela drenagem, abrindo-se regos convenientemente distribuídos, medindo 60 até 75 centímetros de profundidade por 50 centímetros na bôca e 30 no fundo. Estes serão cobertos com uma camada de pedra ou feixes de bambu cortado e, em seguida, coberto com a terra escavada. Quem, porém, tiver a possibilidade de escolher o terreno, deverá preferir um solo de média consistência e não pobre em matérias orgânicas. Os solos silico-argilosos ou argilo-silicosos são, em geral, muito satisfatórios. São esses os preferidos.

A adubação

Por falta de espaço não é possível entrar aqui em pormenores sobre os adubos e a adubação.

Não é tão importante adubar com este ou aquele adubo quando é necessário e mesmo indispensável adubar. O hortelão deverá utilizar-se de toda a matéria orgânica, estrume, terriço, plantas de adubação verde, etc., ao seu alcance que serão completadas com adubos químicos. A propósito destes não ha nada melhor do que o nitrophoska, marca «A A», que é um adubo sintético contendo os elementos nobres em conjunto tal, que cada particula contém todos eles em proporção exata e conveniente, o que evita o perigo de acumular tal ou qual elemento em um certo lugar e faltar noutro.

Esta recomendação não constitue, nem de longe, desmerecimento dos outros adubos compostos ou especiais. A preferência que se dá ao nitrophoska neste caso bem determinado, quero dizer na *pequena horta*, baseia-se simplesmente no seu fácil emprego e sua máxima eficiência.

A quantidade necessária por metro quadrado é de 30-50 gramas, que devem ser levemente misturadas de terra logo depois de terem sido espalhadas o mais igualmente possível, num dia sêco e, se for necessário,

misturadas com dupla quantidade de areia. Quanto á cultura em maior escala, chamamos a atenção do leitor para as indicações especiais contidas nos capítulos destinados a cada hortaliça. Não devemos, entretanto, esquecer que os solos que são pauperimos em cal, exigem uma adubação calcarea pelo menos de 3 em 3 ou de 4 em 4 anos fazendo-se coincidir com a adubação completa de cada quadra no afolhamento. A dose de 100 gramas de cal virgem é geralmente suficiente.

Propaganda do Alentejo

O nosso director Pedro Muralha foi convidado pela Radio Graça C. T. 1 D. R. a fazer uma conferencia radio difundida, sobre o Alentejo, convite que aceitou gostosamente devendo ser previamente anunciada.

A situação vinícola

No desejo de trazer ao corrente os nossos leitores dos problemas mais palpitantes da hora que passa pedimos ao sr. Francisco Machado ilustre director da Associação Central da Agricultura Portuguesa e Presidente do bem administrado Sindicato Agrícola de Alenquer, para dizer aos nossos leitores qual o seu ponto de vista, sendo de Sua Ex.^a as considerações que na 1.^a página publicamos sobre a situação vinícola.

Vimos em Lisboa

De Moura, Dr. Bento Caeiro, Godinho da Cunha, José Maria d' Oliveira de Gusmão (Safara) e Gabriel António de Oliveira.

De Beja, Virgilio Cardoso e Afonso José da Ponte.

De Portalegre, Joaquim Elias.

O amor à terra

Amar a Terra é possuir uma das maiores religiões humanas. Querer-lhe como se estima à prole é distender o afecto por um espaço mais dilatado do que o simples lar doméstico. Aproveitar-lhe as faculdades criadoras é produzir riqueza e alegria para toda a gente, encher celeiros, abrir sorrisos, erguer esperanças e construir felicidades. Amemos sempre a terra que sempre ela nos retribuirá o nosso amor com fortuna e bem estar.

Vida Alentejana

Preço da assinatura

Série de 5 numeros..... 5\$00
» de 10 »..... 10\$00

Número avulso 2\$00

Pró-Olivença

O Conselho Regional do Gremio Alentejano, na sua ultima sessão aprovou por aclamação a seguinte proposta:

«O Conselho Regional do Grémio Alentejano, não podendo ficar silencioso perante as manifestações patrióticas que alguns municípios estão realizando em homenagem a Olivença, na pessoa do seu colega neste Conselho Snr. Ventura Abrantes;

E, atendendo que não pode ficar indiferente perante afirmações de valor histórico, tratados e de justiça à nossa Pátria e muito principalmente à nossa provincia.

Resolve:

Que o Conselho Regional se dirija a tôdas as Câmaras Municipais alentejanas, quer tenham ou não representação neste Conselho para que se sugestione, como manifestação de patriotismo, a colocação nas suas ruas do nome glorioso — da nossa terra irridente — Olivença.

Se este Conselho assim o autorizar se enviará com a referida sugestão, um dos ultimos gritos de reivindicação do nosso colega em referencia, para conhecimento das nossas razoes, aos dirigentes dos Municípios alentejanos.

(a) Francisco Velez Conchinhas

A evocação dos Mortos da Grande Guerra

O Alentejo, contribuiu em grande parte, com soldados, para os corpos do exército enviados à Flandres e à África durante o período histórico da Grande Guerra. A luta titânica contra o imperialismo alemão, teve, nos filhos da região Alentejana e quanto ao esforço de Portugal, um elemento de destemida coragem. A terra portuguesa que deve sempre ao Alentejo as provas mais brilhantes de heroicidade, nos prèlios sustentados em defeza da independência nacional, sabe bem como o nosso comprovinciano se demonstra português nos lances mais difíceis, arriscando a vida para a glória comum.

Por esse Alentejo fóra, os padrões da Grande Guerra acusam a participação de seus naturais no tremendo conflito.

Cabe agora a vez a Mertola que no domingo, 11, verá realizar-se uma parada dos antigos combatentes pelo local onde foi lançada a primeira pedra do monumento aos mortos da Guerra. O monumento terá solene inauguração no dia 9 de Abril do próximo ano, havendo contribuido a população e a Camara com cerca de oito contos para que ele se construa. A comissão que tomou a seu cargo a erecção do monumento, conta que os restantes elementos do concelho, ainda não contribuintes, concorram monetariamente sem demora, para se apontar como de todos, ricos e pobres, a consagração dos que pela Pátria se bateram e souberam morrer.

Album Alentejano

Retirou para o Alto Alentejo, a fim de conseguir o resto dos elementos que lhe faltam para a conclusão do Tomo de Portalegre, o nosso director Pedro Muralha.

Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Borba	Beja mercado 6 de Out.	Redondo Feira de S. Francisco	Evora 30-X	Estremós Outubro	Portalegre Mercado	Veiros	S. Tiago do Cacem Feira 4 de IX
Aveia, 20 litros	7\$00	6\$00	7\$00	7\$00	7\$00	8\$00	7\$00	8\$00
Centeio, 20 litros	10\$00	—	10\$00	k. \$80	14\$00	14\$00	9\$50	—
Cevada, " "	9\$00	7\$50	9\$00	9\$00	10\$00	10\$00	—	10\$00
Fava, 20 litros	16\$00	14\$00	18\$00	14\$00	14\$00	17\$00	15\$00	18\$00
Grão de bico, 20 litros	24\$00	25\$00	25\$00	25\$00	25\$00	28\$00	25\$00	—
Lã { branca, 15 kilos	150\$00	—	150\$00	—	145\$00	150\$00	—	—
} preta, " "	120\$00	—	110\$00	—	100\$00	120\$00	—	—
Queijos { cabra, kilo	—	12\$00	9\$00	cent. 80\$00	—	80\$00	—	—
} ovelha, kilo	12\$00	12\$00	9\$00	» 70\$00	12\$00	14\$00	—	—
Azeite, 10 litros	58\$00	55\$00	56\$00	» 60\$00	60\$00	60\$00	litro 7\$00	70\$00
Cortiça, 15 quilos	10\$50	—	16\$00	9\$00	—	—	—	—
Vinho { branco, 500 litros	400\$00	450\$00	400\$00	375\$00	400\$00	450\$00	—	—
} tinto, " "	400\$00	450\$00	250\$00	375\$00	400\$00	450\$00	—	—
Carvão, 15 quilos	4\$00	4\$50	5\$75	5\$50	4\$00	6\$00	—	—

Cotação de gados

Designação	Borba	Beja Mercado 6-X	Redondo Feira de S. Francisco	Evora Feira Nova 15-X	Estremós Outubro	Castro Verde Feira 20 de Outubro		
Cavalo de sela	3.000\$00	2.500\$00	2.500\$00	2.000\$00	3.000\$00	3.000\$00		
Pareilha de cavalos	6.000\$00	5.000\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6.000\$00		
Jumento	800\$00	300\$00	500\$00	400\$00	250\$00	300\$00		
Pareilha de muaras	10.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	10.000\$00	10.000\$00		
Junta de bois	4.000\$00	4.500\$00	4.500\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00		
} vacas	3.000\$00	2.000\$00	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	4.000\$00		
Vaca leiteira	2.500\$00	2.500\$00	2.500\$00	2.000\$00	1.500\$00	3.000\$00		
Novilhos	2.000\$00	1.200\$00	—	5.500\$00	1.200\$00	2.000\$00		
Vitela de 6 mezes	800\$00	600\$00	—	400\$00	400\$00	100\$00		
Carneiros	100\$00	120\$00	100\$00	90\$00	100\$00	80\$00		
Ovelhas	120\$00	85\$00	90\$00	100\$00	100\$00	—		
Borregos	—	30\$00	—	50\$00	—	70\$00		
Cabra leiteira	200\$00	100\$00	100\$00	100\$00	150\$00	—		
Cabrito	—	30\$00	25\$00	25\$00	50\$00	—		
Porco, em vivo	(Arroba) 90\$00	300\$00	arr. 100\$00	250\$00	50\$00	(Arroba) 90\$00		
Bacoros	50\$00	100\$00	—	30\$00	80\$00	(10 m.) 140\$00		
Leitão de mês	10\$00	25\$00	—	15\$00	—	20\$00		

Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/comida	A sêco	C/comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	Em Veiros os homens ganham 75\$00 e de comer, por mês. A sêco 7\$00 por dia. As mulheres ganham 2\$50 por dia.
Portalegre	Trabalhos da época	—	5\$00	3\$50	3\$50	
Castro Verde	Vindima e lavoura	7\$00	—	3\$00	—	
}	Fab. de vinho e sement. de aveia	8\$00	4\$00	—	—	
}	Sementeira adubo	10\$00	4\$00	—	—	
Borba	Vindima	7\$00	—	3\$50	—	
S. Tiago do Cacem	Lavoura	8\$00	4\$00	—	—	

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma						
	Borba	Beja	Redondo	Evora	Veiros	Portalegre	S. Tiago do Cacem
Cabra	5\$00	6\$20	—	—	—	5\$00	—
Cabrito	—	6\$20	—	—	6\$00	5\$00	3\$00
Carneiro	6\$00	6\$20	—	5\$60	—	5\$00	4\$00
Porco { com osso	—	8\$00	6\$00	9\$00	8\$00	8\$00	6\$00
} sem osso	—	10\$00	12\$00	14\$00	—	12\$00	8\$00
Vaca { com osso	—	6\$00	—	6\$50	—	4\$40	—
} sem osso	—	10\$00	—	12\$00	—	8\$80	—
Chouriço	15\$00	18\$00	18\$00	18\$00	14\$00	12\$00	12\$00
Farinheira	6\$00	—	—	8\$80	8\$00	7\$00	—
Morceira	10\$00	12\$00	14\$00	12\$00	12\$00	7\$00	16\$00
Paio	18\$00	20\$00	20\$00	—	—	16\$00	—
Presunto	—	18\$00	—	—	—	18\$00	—
Toucinho	6\$00	8\$00	10\$00	8\$00	8\$00	6\$20	8\$00
Banha de porco	6\$00	8\$00	8\$00	8\$00	8\$00	7\$00	8\$00

João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agrícola e Pecuária

Trigos, cevadas e toda a especie de cereais

LÃS E LATICÍNIOS

CLINICA MEDICA E DENTARIA

C. do Carmo, 25, s/I-D.

Telefone 2 7146 — LISBOA

Doenças da boca e dentes — Cirurgia da especialidade — Clínica média.

Dentes artificiais colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultorio, quanto á perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana
Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalari e mular

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

Exploração Agrícola e Pecuária — BARRANCOS

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15
e vinte mil escudos

A mais sólida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agrícola e Pecuária

Colos — ALENTEJO

Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agrícola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS E MEL

Monte Negro — VALE DO SADO

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 ás 16. Classes pobres. preço de Policlínica, ás segundas e quintas. Av. Almirante Reis, 31, 1.º — Tel. N. 4363

SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

Cabeço de Vide

Estancia de aguas minero-medicinaes (sulfo-alcálinas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e hexigia, entercolites muco-membranosas.

Epoca balnear de 1 de Junho
a 31 de setembro

Director clinico:

Dr. Alexandrino Lopes Russo

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas aguas fornece todas as indicações.

C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

